

AS CRÔNICAS DE DRUMMOND E A FORMAÇÃO DO JOVEM LEITOR

Rosa Maria Graciotto Silva¹

RESUMO: Este estudo tem como *corpus* 25 crônicas de Carlos Drummond de Andrade, inseridas nos volumes 1,2,3,4 e 5 da coleção “Para gostar de ler”, editada pela Ática, no período de 1977 a 1980. Tem o objetivo de levantar aspectos temáticos e de construção do texto empregados pelo autor na consecução de seu projeto literário, exposto no prefácio da coleção: despertar no jovem o gosto pela leitura literária. Cumprindo o seu papel, as crônicas de Drummond propiciam ao leitor o exercício da criticidade ao levá-lo a “conferir, pensar e entender melhor” o que se passa dentro de si e dos outros.

PALAVRAS-CHAVE: crônicas, Drummond, leitor, leitura

THE CHRONICLES OF DRUMMOND AND THE YOUNG READER FORMATION

ABSTRACT: This study has corpus 25 chronicles of Carlos Drummond de Andrade, inserted in the volumes 1.2.3.4 and 5 of the collection “Para gostar de ler”, edited by Ática, between 1977 to 1980. It has the goal of raising thematic and text construction aspects used by the author in the achievement of his literary project, as shown in the collection’s preface: to awake in the young the feeling for the literary reading. Fulfilling their role, the Drummond’s chronicles propitiate to the readers the criticality exercise by taking them to “check, think and better understand” what goes within themselves and the others.

KEY-WORDS: chronicles, Drummond, reader, reading.

Em uma carta a Mário Quintana, datada de 30 de junho de 1975, Carlos Drummond de Andrade tece elogios a *Pé de pilão*, obra do amigo endereçada ao público infantil. Confessando sua aversão aos livros e histórias infantis que costumam pecar pela negação do espírito da infância, o poeta se redime apontando em *Pé de pilão* características

¹ Doutora em Letras pela UNESP; Professora Adjunta da Universidade Estadual de Maringá.

essenciais à obra literária como a graça, a inventividade e o envolvimento da melodia-verbal que, além de redundarem na criação de uma pequena obra-prima, cativam, em sua simplicidade, os leitores de todas as idades.

Essa essencialidade da obra literária voltada para o leitor-criança, que Drummond encontrou e se encantou ao ler *Pé de pilão*, é a mesma com que nos deparamos ao ler as crônicas drummondianas que compõem a série *Para gostar de ler* em seus volumes 1, 2, 3, 4 e 5.

Autor de uma obra diversificada, englobando poemas, contos e crônicas, Carlos Drummond de Andrade procurou atender não somente aos anseios do público adulto, pois criou obras direcionadas especificamente às crianças como *História de dois amores*, publicada em 1985, com ilustrações de Ziraldo. Antes disso encontramos *O elefante*, poema integrante do livro *A rosa do povo* (1945), que a partir de 1983 ganha autonomia e ingressa oficialmente no universo infantil, recebendo ilustrações de Regina Vater. Esse voltar-se para um tipo especial de leitor já se encontra, entretanto, em um projeto de leitura desenvolvido a partir de 1977 em parceria com Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga. Trata-se da referida série *Para gostar de ler* da editora Ática que, reunindo crônicas selecionadas de obras diversas desses autores, convida o "amigo estudante" à descoberta do mundo da leitura.

Publicadas primeiramente em jornais, as crônicas drummondianas contidas na série *Para gostar de ler* foram, posteriormente, publicadas em livros, passando, assim, do público leitor de jornais para o público leitor de livros. São crônicas que integram as obras *Fala, amendoeira* (1957), *A bolsa e a vida* (1962), *Cadeira de balanço* (1966), *Caminhos de João Brandão* (1970), *O poder ultrajovem* (1972) e *De notícias e não-notícias faz-se a crônica* (1974). Após um novo processo de seleção e organização as crônicas voltam-se, nesta nova edição, para um público mais específico: o estudante.

Nessa particularização do leitor, inserido em ambiente escolar, particulariza-se, também, a finalidade da obra que lhe é destinada, circunscrita no prefácio do 1º. volume e que é assinado pelos quatro cronistas. Estes, fazendo do prefácio um convite, dirigem-se ao leitor, amigavelmente, procurando cativá-lo para a descoberta prazerosa do maravilhoso mundo da leitura e, em especial, o da crônica. De maneira simples introduzem uma conceituação desse gênero narrativo, evidenciando seus liames com a realidade do cotidiano: "crônica é um escrito de jornal que procura contar ou comentar histórias da vida de hoje. Histórias que podem ter acontecido com todo mundo: até com você mesmo, com pessoas de sua família ou com seus amigos." (v. 1, p. 4).

Desvencilhando-se de qualquer outro propósito que não o do prazer, os cronistas chamam a atenção do leitor para o processo de criação da obra, deixando evidente que o prazer proporcionado pela leitura advém do trabalho artesanal do cronista na escolha e organização das palavras, adequando-as a um estilo peculiar, capaz de atrair o leitor para um mundo conhecido, mas ao mesmo tempo diferente, pois quando apresentado pelo cronista, artífice da palavra, "ganha um interesse especial" que se é motivo de alegria, o é também de reflexão. Se o livro apresentado não tem intenção de servir de pretexto para o ensino de gramática, redação ou qualquer outra matéria escolar, tem a finalidade, no entanto, de levar o leitor a "conferir, pensar, entender melhor o que se passa dentro e fora da gente." (v. 1, p. 4-5).

Nesse convite à leitura prazerosa, os cronistas resgatam o princípio aristotélico que conjuga o aprender e o admirar como responsáveis pelo prazer proporcionado pela arte. O prazer advém não da admiração do objeto em si, mas da possibilidade que este tem de levar o admirador a refletir e a raciocinar sobre aquilo que o objeto representa. É a consecução do efeito desse prazer estético que os cronistas anseiam nesse prefácio-convite, que tem como público-alvo o estudante, leitor em potencial da série *Para gostar de ler*.

Convite feito, as crônicas selecionadas (e à espera de seus leitores) seguem uma estrutura organizacional em que são agrupadas por assuntos ou pela indicação do local onde se dão os fatos, cabendo a cada cronista cinco crônicas, perfazendo um total de 25 nos cinco volumes. A seleção por grupos permanece do 1º. ao 4º. volume, exceto no 5º., quando as crônicas são agrupadas por autor sem qualquer outra indicação.

As crônicas pertinentes a Carlos Drummond de Andrade foram selecionadas de obras publicadas entre 1957 a 1974 e estão assim distribuídas:

Para gostar de ler v. 1 (1977)

Grupo	Crônica	Obra	Ano
Crianças	No restaurante	<i>O poder ultrajovem</i>	1972
Animais	O pintinho	<i>Fala, amendoeira</i>	1957
No mundo do consumo	Caso de arroz	<i>Cadeira de balanço</i>	1966
Tipos humanos	Serás ministro	<i>De notícias e não-notícias faz-se a crônica</i>	1974
A linguagem e o homem	Recalcitrante	<i>De notícias e não-notícias faz-se a crônica</i>	1974

Para gostar de ler v. 2 (1978)

Grupo	Crônica	Obra	Ano
Em casa	Horóscopo	<i>De notícias e não-notícias faz-se a crônica</i>	1974
No trabalho	Caso de recenseamento	<i>Cadeira de balanço</i>	1966
Na condução	A abobrinha	<i>Cadeira de balanço</i>	1966
Na escola	Na escola	<i>O poder ultrajovem</i>	1972
Na rua	Diploma	<i>Caminhos de João Brandão</i>	1970

Para gostar de ler v. 3 (1978)

Grupo	Crônica	Obra	Ano
Confusões	Assalto	<i>O poder ultrajovem</i>	1972
Discussões e soluções	Esparadrapo	<i>De notícias e não-notícias faz-se a crônica</i>	1974
Compreensões e incompreensões	A cabra e Francisco	<i>Cadeira de balanço</i>	1966
Ações e intenções	A menininha e o gerente	<i>A bolsa e a vida</i>	1962
Solicitações	Telefone	<i>Caminhos de João Brandão</i>	1970

Para gostar de ler v. 4 (1979)

Grupo	Crônica	Obra	Ano
Utilidades	Da utilidade dos animais	<i>De notícias e não-notícias faz-se a crônica</i>	1974
Estilos	Glória	<i>De notícias e não-notícias faz-se a crônica</i>	1974
Observações	A fugitiva	<i>Caminhos de João Brandão</i>	1970
Palavras	Calça literária	<i>De notícias e não-notícias faz-se a crônica</i>	1974
As expectativas e a realidade	Mocinho	<i>A bolsa e a vida</i>	1962

Para gostar de ler v. 5 (1980)

Crônica	Obra	Ano
Gravação	<i>De notícias e não-notícias faz-se a crônica</i>	1974
Carta a uma senhora	<i>Cadeira de balanço</i>	1966
Anúncio de João Alves	<i>Fala, amendoeira</i>	1957
Este Natal	<i>Caminhos de João Brandão</i>	1970
No lotação	<i>Cadeira de balanço</i>	1966

A simplicidade, a graça e a inventividade, características de *Pé de pilão* que cativaram Carlos Drummond de Andrade, juntam-se a outras, próprias do gênero em questão. Eleita como motivo sedutor para levar o

leitor ao hábito da leitura, a crônica prima pela brevidade e pelo tom desprezencioso de quem relata ou comenta fatos do cotidiano, que numa aparente "conversa fiada", com ares de superficialidade e com uma nota de humor diz coisas sérias e empenhadas, como registra Antonio Candido em *A vida ao rés do chão*, texto crítico inserido no volume nº. 5 da coleção:

Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas. (CANDIDO, 1980, P.G.L., v. 5, p. 11)

Embora Drummond enfatize em *A bolsa e a vida* (1979, p.1149) o caráter de amenidade com que reveste as crônicas, evitando "atormentar o leitor — apenas, aqui e ali, recordando-lhe a condição humana.", em verdade, a vida refletida em "estado de crônica", como quer o cronista, é de uma amenidade que cativa e que sutilmente insere o leitor em questões mais profundas. As duas crônicas selecionadas deste livro desmistificam a aparente superficialidade de que se revestem. Em "A menininha e o gerente" (v. 3, p. 54-56), o relato do encontro fortuito entre essas duas personagens serve como motivo desencadeador para que o leitor reflita sobre a solidão, a ausência de pessoas queridas e a necessidade do outro para preencher o vazio existencial. O final frustrante dessa crônica reitera-se em "Mocinho" (v. 4, p. 66-68) que põe em foco a ficção e a realidade. Se a primeira preenche as expectativas enquanto ficção, a segunda ao desmistificá-la mostra que a realidade é feita de imperfeições.

O clima de frustração presente nestas duas crônicas se intensifica em "O Pintinho" (v. 1, p. 28-30) que, ao comentar o inusitado modo de comemorar um aniversário infantil, em que um pintinho de um dia é dado como lembrança da festa aos convidados, põe em foco o alheamento do homem em uma sociedade de valores degradados e que se distancia de bens essenciais à sua formação. Publicada em 1957 na obra *Fala, amendoeira*, esta crônica antecipa um tema caro à literatura infantil de Wander Piroli que, em 1975, em sua obra *O menino e o pinto do menino* resgata os valores priorizados na crônica drummondiana.

Se nestas crônicas impera um clima de negatividade, em outras a realidade se revela com o auxílio cativante do humor. Ao focalizar cenas do cotidiano de grandes centros urbanos, Drummond, sob a graça do riso, traz à tona flagrantes da miséria humana. É o que ocorre em "Serás Ministro" (v. 1, p. 57-60) que registra as peripécias em que se envolve uma personagem, desde a infância à idade adulta, motivadas pelo nome de "Ministro" que lhe dera o pai, em busca de notoriedade. Em "Diploma" (v.

2, p.72-74) e "Carta a uma senhora" (v. 5, p. 19-20) castiga-se o afã comercial quanto à comemoração de datas significativas. Se "Diploma" registra o quadro em que um vendedor ambulante convence um rapaz analfabeto a comprar um diploma para homenagear sua mãe, em "Carta a uma senhora" uma menina, cumprindo uma tarefa escolar, mostra seu conflito de querer presentear a mãe, adquirindo presentes divulgados pela "mídia", mas de não possuir condições financeiras para a consecução desse desejo. Nessas crônicas, sob a máscara da lírica infantil tem-se o desmascaramento da sociedade de consumo. O analfabetismo e a miséria retornam em "Glória" (v. 4, p. 32-34), pungente depoimento de uma mãe, lavadeira por profissão, sem registro de nascimento, uma anônima entre tantas e que tem um momento de glória pelo fato de seu filho participar, ainda que graciosamente, de um comercial de TV. A crítica aos entraves burocráticos presentes nessa crônica encontra-se, também, em "Telefone" (v. 3, p. 64-66) que, contrapondo a voz de um funcionário público a de um dos milhões de brasileiros dependentes do funcionamento dessa máquina burocrática, mostra os percalços, na época, para quem tinha como desejo excelso conseguir uma linha telefônica.

O olhar atento do cronista registra o crescimento da violência urbana que se presentifica em "Este Natal" (v. 5, p. 21-24) e "Esparadrapo" (v. 3, p. 34-36). Na primeira, valendo-se da personagem João Brandão (personagem motivadora das crônicas da obra *Caminhos de João Brandão*) o cronista aponta os vários tipos de aproveitadores que campeiam em época natalina. Já em "Esparadrapo", aproximando-se do conto de mistério, gradativamente, o leitor toma conhecimento de um assalto ocorrido em um restaurante de um bairro e das medidas preventivas assumidas pelo dono, a quem o cronista sugere, como paliativo, um estoque de esparadrapo no socorro às vítimas, uma vez que o descrédito pela segurança pública é notório: "Na polícia me perguntaram se eu tinha seguro contra roubo. E eu pensando que meu seguro fosse a polícia." (v. 3, p. 36).

Em algumas crônicas Drummond contrasta o discurso da criança com o do adulto, desmistificando o poder deste, como se observa em "No restaurante" (v. 1, p. 22-24), "Na escola" (v. 2, p. 54-57), "Da utilidade dos animais" (v. 4, p. 17-20) e "Gravação" (v. 5, p.16-28) . A cena hilariante de um jantar em que um pai e sua filha, de aproximadamente quatro anos, testam a quem cabe o autoritarismo e a submissão revela mais do que uma simples "operação-jantar". Retirada da obra *O poder ultrajovem* (1972) a crônica "No restaurante" sutilmente alude ao autoritarismo da ditadura militar que vigorou no Brasil após 1964. Se sob a opressão do

autoritarismo a juventude brasileira parece sucumbir, Drummond, valendo-se da alegoria do riso, fornece as características necessárias para a continuidade do seu enfrentamento: "Se, na conjuntura, o poder jovem cambaleia, vem aí, com força total, o poder ultrajovem" (v. 1, p. 24), que se mostra decidido, persistente e batalhador tenaz na busca de seus objetivos. A essas características se acrescenta a rápida capacidade de aprender, tônica de "Na escola", crônica pertencente à mesma obra anterior. A propósito de um plebiscito, que tem como cerne um motivo aparentemente banal, verificando se a professora deveria ou não usar calça comprida no ambiente de trabalho, a crônica põe em prática o labor democrático "tarefa que talvez, quem sabe? no futuro sejam chamados a desempenhar" (v. 2, p. 56).

Se as incertezas deflagradas pelo entrevistado de "Gravação" povoam o discurso do mundo adulto, desacreditando-o perante ao jovem entrevistador é, entretanto, em "Da utilidade dos animais" que o fato ganha maiores proporções, quando a professora que é um amor, apregoando a utilidade dos animais, encerra seus ensinamentos admoestando os alunos de que "devemos amar os animais e não maltratá-los de jeito nenhum" (v. 4, p.20). A síntese do aprendizado feita pelo aluno evidencia a incoerência do discurso da professora: "— Entendi. A gente deve amar, respeitar, pelar e comer os animais, e aproveitar bem o pêlo, o couro e os ossos." (v. 4. p. 20)

O descrédito ao autoritarismo, evidente nestas crônicas, entra em contraste com a conjuntura política da época que tinha no poder do autoritarismo sua chave-mestra.

É ainda no prisma desse autoritarismo que em "Caso de arroz" (v. 1, p. 48-49) a dona de casa, moradora do Leblon "país-do-está-em-falta", supre sua despesa em Caxias "país-da-fartura", burlando a fiscalização dos guardas alfandegários.

O olhar lírico do poeta também se queda em crônicas como "A cabra e Francisco" (v. 3, p. 44-46), "No lotação" (v. 5, p. 25-25) e "Calça literária" (v. 4, p. 62-64), inserindo o leitor nos meandros da poesia, sem deixar, entretanto, de aludir a aspectos cruéis presentes no cotidiano das grandes metrópoles. É o que observamos em "A cabra e Francisco" em que Francisco, porteiro de um hospital, seguindo seu homônimo santo, trata com carinho uma cabra ferida por uma bala perdida, calibre 22, marca da violência na noite carioca. Contrastando a pureza e a ingenuidade da cabra com a marca suja da vida, produzida pelo próprio homem, a crônica mostra a linha progressiva e cada vez mais intensa dos fatos abordados. Publicada no livro *Cadeira de balanço* em 1966, seu teor

continua atualíssimo em pleno século XXI. Se nesta crônica recorda-se Ariano Suassuna e seus autos, em "Calça literária" relembram-se versos de poetas como Camões, Vinícius de Moraes, Fernando Pessoa, Olavo Bilac, Cecília Meireles, Castro Alves e do próprio Carlos Drummond de Andrade. Valendo-se do hábito arraigado de se estampar símbolos, nomes de universidades americanas, retratos outros emblemas similares em vestimentas masculinas ou femininas, o cronista expõe, aos olhos dos leitores, uma inusitada calça repleta de excertos de poemas:

Escuta aí: Onde vais à tardezinha, morena flor do sertão? O que eu adoro em ti é a vida. Aqui outrora retumbaram hinos. Oh abelha imaginativa! o que o desejo inventa... Vou-me embora pra Pasárgada. Amor é fogo que arde sem se ver. Ninguém sonha duas vezes o mesmo sonho. No monte de amor andei, por ter de Monteiro fama, sem tomar gamo nem gama. Clorindas e Belindas brincam no tempo das berlindas. Eu tenho amado tanto e não conheço o amor. Estrela Vésper do pastor errante. 'Tamos em pleno mar: dois infinitos ali se alteiam...

– Beleza.

– Não é? Tem mais. Transforma-se o amador na coisa amada. Antônia, você parece uma lagarta listrada. Dona Janaína, rainha do mar, dai-me licença para eu também brincar no vosso reinado. Por que não nasci eu um simples vaga-lume? Não queiras indagar do meu segredo. Mas que seja infinito enquanto dure. Cantando espalharei por toda parte. Tudo não escondido perde a graça. O cinamomo floresce em frente do teu postigo. Crisântemo divino aberto em meio da solidão... Tinha uma pedra no meio do caminho. (Calça Literária, v. 4, p. 64)

Além da popularização da literatura enfeitando até mesmo uma calça, "a primeira calça poética luso-brasileira", a música popular ganha seu espaço na crônica "No lotação", em que o canto suave de um rapaz quebra a rotina daqueles que usualmente tomam os assentos de um ônibus urbano, indiferentes ao que se passa ao seu redor. O cronista ao registrar a indiferença dos passageiros, da qual não se exclui, retorna a esse alheamento em "Recalcitrante" (v. 1, p. 70-73), relatando como observador impassível a discussão entre o cobrador do lotação e um passageiro, motivada pela falta de respeito deste às regras estabelecidas e pelo desconhecimento do significado da palavra "recalcitrante". Esse clima de indiferença pela desgraça alheia permanece em "A abobrinha" (v. 2, p. 43-45), envolvendo novamente um cobrador que levanta uma falsa

suspeita sobre uma passageira que teria levado o troco e a nota com que pagara a passagem.

Lotação, loja, restaurante, escola, rua, hospital, feira, o interior de uma casa são ambientes propícios para o cronista capturar os fatos que motivam a crônica do dia, seja para registrar o alto custo de vida como em "O assalto" (v. 3, p. 12-14), seja para focalizar o relacionamento das pessoas, em ambiente familiar ou de trabalho, como em "Horóscopo" (v. 2, p. 26-28) e "Caso de recenseamento" (v. 2, p. 30-32). Até mesmo um anúncio em um jornal, datado de 19/11/1899, serve de motivo para o cronista tecer seu comentário, contrastando tempos distintos, em que a época do anúncio (1899) sobrepuja-se à da crônica (1954). Em "Anúncio de João Alves" (v. 5, p.21-22) a língua portuguesa torna-se pólo dinamizador da matéria tratada pelo cronista e forma ideal com que concretiza sua homenagem ao Dia da Bandeira:

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesses os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida. ("Anúncio de João Alves", v. 5, p.22)

Para recriar cenas do cotidiano e promover uma aproximação com o real circundante, Drummond usa de recursos vários. O mais usual é o da aproximação com o conto, valendo-se, por exemplo, da criação de personagens como João Brandão na crônica "Neste Natal"(v. 5, p. 21-24) ou, ainda, da antropomorfização do animal em "A cabra e Francisco"(v. 3, p. 44-46) ou mesmo de um artefato bélico, a bomba H, em "A fugitiva"(v. 4, p. 49-50). Em geral há um predomínio de diálogos entre as personagens, cabendo ao narrador apenas o espaço necessário para conduzir a narrativa. Há até crônicas que dispensam a presença do narrador como é o caso de "Gravação"(v. 5, p.16-18).

O dialogismo estabelecido nas crônicas evidencia uma das técnicas preferidas por Drummond, a do contraponto. Idéias distintas e conflitivas são postas em foco, levando o leitor a construir gradativamente a cena e a refletir sobre os aspectos levantados nos discursos de um e de

outro. Essa alternância de vozes abre a possibilidade do surgimento de uma terceira voz: a do leitor, tal como ocorre em “Da utilidade dos animais” (v. 4, p.17-20). A crônica insere o leitor no dinamismo de uma aula para crianças, provavelmente das primeiras séries do ensino fundamental. Para tratar do assunto da aula, já especificado no título da crônica, a professora estrutura seu discurso em torno de três pilares: os animais têm direito à vida, merecem ser amados e são muitos úteis. Da conjunção desses três elementos instaura-se uma situação paradoxal: para serem úteis, os animais perdem o direito ao amor e à vida. Enquanto o discurso da professora prioriza o útil que é vinculado à morte, o discurso dos alunos, elaborado com humor e ironia, o direito à vida é primordial. Entretanto, a conclusão expressa pelo aluno Ricardo evidencia o paradoxo do ensinamento da aula: “Entendi. A gente deve amar, respeitar, pelar e comer os animais, e aproveitar bem o pêlo, o couro e os ossos”(v. 4, p.20).

Priorizando a estrutura dramática, a crônica é construída quase toda com diálogos, cabendo ao narrador uma parte introdutória e uma pequena intervenção no meio da narrativa. Tal procedimento, além de fornecer um ritmo mais ágil, possibilita que o leitor confronte as idéias veiculadas e tome um posicionamento.

Com um estilo preciso, usando de uma linguagem adequada ao gênero e ao público a que se destina, frases curtas, presença de oralidade e uma boa dose de humor, Drummond realiza o que propõe em *Caminhos de João Brandão*:

Enquanto discutem com erudição os entendidos que bicho é a crônica — gênero literário ou número de show, mescla de conto e testemunho, alienação ou radar — meu amigo João Brandão vive sua vida entre a rotina palpável e a aventura imaginável, e eu vou cronicando seu viver [...] (DRUMMOND, 1979, p. 1295)

Nas 25 crônicas drummondianas que integram os cinco volumes iniciais da série *Para gostar de ler* o cronista, valendo-se criativamente das características próprias do gênero, concretiza o propósito exposto no prefácio-convite que abre a coleção. Explorando adequadamente os recursos lingüísticos e poéticos, Drummond seduz o leitor que é levado sutilmente, através de uma aparente conversa fiada, a conhecer os meandros da realidade que não se restringe somente ao painel urbano da segunda metade do século XX, estendendo-se à atualidade. Nesse propósito, com a transfiguração literária do fato aparentemente desimportante, a crônica drummondiana rompe com a efemeridade herdada do jornal, seu primeiro veículo de divulgação, e logra ganhar a

glória da atemporalidade, propiciando ao leitor o exercício da criticidade, ao levá-lo a "conferir, pensar e entender melhor" o que se passa dentro de si e dos outros.

Cumprindo a intenção anunciada no prefácio do 1º volume, as crônicas drummondianas realizam o papel primordial do texto literário que, nas palavras de Antonio Candido (1972), se pauta pela função humanizadora. Ao expor o ser humano em sua cotidianidade, afeto tanto a percalços e mazelas, quanto a momentos de alegria e bem-estar, o texto literário contribui para a formação daquele que o lê. O leitor ao interagir com a obra literária passa, certamente, por um processo de transformação. O seu repertório de conhecimentos adquirido, paulatinamente, enriquece-se cada vez mais, ampliando seus horizontes de expectativa a cada leitura realizada.

Levado para o recinto da sala de aula, o texto literário e, neste caso, as crônicas de Drummond, ganha a potencialidade de novos mediadores. As várias concretizações possíveis, quando verbalizadas e mediadas pelo professor e pelos alunos, propiciam uma revitalização ímpar do texto literário, promovendo o que Hans Kügler (1971) denomina de construção coletiva do significado. Cada concretização individualizada da obra literária, conseqüência primeira do ato de leitura, expande-se e passa a agregar outras possibilidades de compreensão e de interpretação, verticalizando, assim, o processo de construção de sentido do texto literário.

As múltiplas vozes que fluem das 25 crônicas de Drummond, ao se entrecruzarem com as possíveis vozes dos leitores reais, dão a medida da importância da leitura do texto literário no ambiente escolar. Nesse sentido, no processo de transfiguração do real, as crônicas revelam que:

Tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do sonho ou da piada que nos transporta ao mundo da imaginação. Para voltarmos mais maduros à vida[...] (CANDIDO, 1980, p.12)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C. Drummond de. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.

_____. *O elefante*. Ilustração de Regina Vater. Rio de Janeiro: Record, 1983.

_____. *História de dois amores*. Ilustração de Ziraldo. Rio de Janeiro: Record, 1985.

ANDRADE, C. Drummond de, et al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1977. v. 1.

_____. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1978. v. 2.

_____. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1978. v. 3.

_____. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1979. v. 4.

_____. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1980. v. 5.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: ANDRADE, C. *Para gostar de ler*, São Paulo: Ática, 1980, p. 4-13. v. 5.

_____. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*. São Paulo. p. 803-809, set. 1972.

KÜGLER, Hans. *Literatur und Kommunikation*. Ernst Klett, 1971 (Tradução livre de Carlos E. Fantinati, texto datilografado).

QUINTANA, Mario. *Pé de pilão*. 6. ed. Porto Alegre: L & PM Editores, 1981.